Exploração ou Colaboração: o que mudou nas relações de trabalho?

Josete Bringel, Kharen Stecca, Marcela Guimarães e Patrícia da Veiga

Trabalho. Desta palavra partem vários significados. Trabalhar é transformar a natureza, lavrar a terra, empenhar força física ou mental. Remete a suor, experiência e, também, a exploração. Não podemos esquecer ainda que nos dias atuais o trabalho é nosso instrumento de troca pela sobrevivência. Troca de comida, moradia, diversão, condições de cidadania. E, mais do que nunca, exige formação, sendo também fruto de disputa. Enfim, pelo trabalho, ou pela falta dele, se faz e se desfaz uma vida. A problemática deste mês, discutida na mesa-redonda da **Rádio Universitária** e do **Jornal UFG**, são as relações de trabalho. Para falar sobre o tema, convidamos três professores da universidade que atuam em áreas diferentes.

Fotos: Carlos Siqueira

Flávia Regina Czarneski Vieira, professora da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas

Ildeu Moreira Coelho, professor da Faculdade de Educação

Milton Márcio Heinen, professor da Faculdade de Direito

O trabalho é visto da mesma forma em todas as esferas da sociedade?

Ildeu Moreira – O trabalho faz parte da vida humana, é uma forma de o homem participar da vida coletiva, dar sua contribuição para a construção de uma vida melhor para todos. Ao longo da história, as formas concretas que o trabalho foi assumindo, em vez de nos levar a uma plena realização, nos degradam. Ele escraviza, serviliza, oprime, mas isso não significa que seja feito de maneira linear, mecânica e automática. Portanto, mesmo nas formas mais opressoras de trabalho, há a possibilidade da mudança, da revolução, da transformação, de o homem se afirmar de uma forma ou de outra, de construir sobretudo sua participação. E eu estou enfatizando de propósito, porque participar é uma palavra que está tão banalizada que a gente acha – estamos em ano eleitoral – que participar da vida política é ir lá e votar. Isso não é participar. Participar é assumir a sociedade e nós mesmos como parte constitutiva da sociedade. Sem a sociedade nós não somos seres humanos e, ao mesmo tempo, a sociedade é constituída por todos nós, mas todos participando dela, não a soma, não o ajuntamento de indivíduos. É a sociedade que cria a possibilidade concreta do homem, do pensamento, da reflexão, da ética e da política. É nesse sentido que vejo o trabalho. Mas ele não só não é visto, como também não é vivido da mesma forma por todos.

Flávia Regina – O trabalho é a realização de uma tarefa pela qual somos remunerados. Às vezes, pensamos que as empresas estão fazendo um favor ao remunerar seus trabalhadores. Na verdade, é uma relação de troca. Fazemos a tarefa e somos remunerados. É claro que as pessoas que têm um conhecimento maior acabam tendo facilidades dentro de sua vida profissional. Quando temos menos conhecimento, não temos o poder de negociação tão forte. A diferença entre as esferas da sociedade é justamente essa moeda de troca.

O termo colaboração é muito usado atualmente no âmbito das relações de trabalho. Como os senhores interpretam o emprego dessa expressão?

Flávia Regina – Na verdade, as empresas precisam do trabalho dos seus funcionários, tanto quanto os funcionários precisam da remuneração. Para que a empresa consiga atingir suas metas, o trabalho dos funcionários é primordial. Eles colaboram para que a empresa atinja seus objetivos. Então, na verdade, as empresas agora usam essa nomenclatura até para explicar a importância do trabalho dos funcionários dentro da empresa.

Ildeu Moreira – Não há dúvidas de que essa expressão esconde o que constitui as relações de trabalho. Uma expressão com profunda dimensão ideológica, que esconde do trabalhador que ele é, na sociedade capitalista, sempre o explorado. Independente da posição que ele ocupe no setor produtivo, desde o que cuida da limpeza até o executivo, ele é sempre o empregado do capital. A lógica do capitalismo é esta: retirar o máximo do trabalhador. Fala-se muito de gestão hoje, na escola, na empresa, na universidade. Essa expressão traz uma outra lógica da organização do trabalho e do domínio do trabalhador sem que ele veja. Numa sociedade fundada na gestão não há como haver autonomia. A lógica do controle é a lógica do controle mais refinado possível. Porque há uma lógica tal que, se você não fizer tudo o que o sistema cobra, você não existe. Na pós-graduação, por exemplo, se eu não consigo produzir por um motivo qualquer, estou fora dela. É como se a pessoa tivesse escolhido ficar fora. Aí, você não consegue financiamento do CNPq, não consegue bolsista Pibic. Não precisa ter chefe, porque, se não produzimos, não existimos.

E a professora Flávia, concorda que não é mais preciso haver chefe?

Flávia Regina – Nessa categoria de professores, realmente não é preciso que exista o chefe. Mas nós estamos falando de uma categoria que tem mais conhecimento e formação. Não podemos generalizar. Isso não funciona para todos os níveis de funcionários. Numa visão capitalista, as empresas têm grupos de funcionários e é preciso controlar os resultados por causa da concorrência, da globalização. Senão morremos no mercado. E aí se pensa: precisamos remunerar o melhor possível o trabalhador. Mas existe uma lei de mercado, senão vou perder condições de mercado. Se a empresa avançar demais nessas condições, deixa de ser viável, vai se transformar numa ONG. Se não há visão de lucratividade, a empresa não tem motivo de ser. Mas então as empresas só pensam em lucros? Não, mas o lucro é consequência de uma boa administração.

O que é um bom profissional, um bom trabalhador?

Flávia Regina – Um bom profissional é diferente de um excelente profissional. O bom profissional é aquele que se dedica a seu trabalho. Há um tempo atrás diziamos que o funcionário devia vestir a camisa da empresa. Hoje, isso mudou, ele tem de vestir a camisa do seu trabalho. Qual a diferença disso? Eu realizo meu trabalho da melhor forma possível e com isso a empresa ganha. O bom trabalhador se dedica a seu trabalho e busca seu crescimento. Há um tempo atrás a empresa era responsável pela carreira do funcionário. Hoje nós somos responsáveis pela nossa carreira. Agora, o excelente profissional é aquele que vai além. Ele vai superar todas as expectativas dos empresários. Aquele que faz o seu trabalho e o pensa estrategicamente.

Ildeu Moreira – Não vou falar de empresas. Mas na universidade isso também é válido. Nós buscamos aprimoramento para sermos bons professores. Um bom professor cria condições para que os alunos sejam bons alunos. O professor tem de estudar ainda mais que o aluno, se autocriticar, rever suas ideias, conceitos e práticas. Isso envolve uma dialética, uma complexidade, uma ambiguidade do trabalho e envolve risco. Nunca temos certeza do resultado de nosso trabalho e isso não é ruim. Se tivéssemos certeza dos resultados, os alunos seriam marionetes em nossas mãos. E educar é um risco que assumimos junto com os alunos.

Então, teríamos de repensar a pergunta sobre o "bom trabalhador", bom para quê? Para o mercado, para a vida em sociedade?

Ildeu Moreira – A política foi inventada pelos gregos e vem de *pólis,* não no sentido que a palavra ganhou hoje, mas de vida coletiva. Eles pensaram primeiro na necessidade de pensar a vida coletiva. Para fazer tudo isso é preciso que o público esteja em primeiro lugar. Para os gregos, privado é o *óikos*, a economia, principio que regula tudo atualmente. Nós invertemos tudo. Para o grego, o privado era a vida do seu lar e ele podia fazer o que quisesse no seu lar, desde que não atrapalhasse a vida coletiva. Eles eram politeístas. Cada um podia ter seus deuses, mas não poderiam deixar de prestar culto aos deuses da *pólis.*

Nós vivemos um momento de culto ao trabalho? O trabalho é um deus contemporâneo?

Flávia Regina – Eu penso que o trabalho é uma troca. Nós temos de nos dedicar ao trabalho porque precisamos da vida profissional, do dinheiro para comprar comida, para pagar as contas. Mas também é uma satisfação, porque nos sentimos produtivos no mercado de trabalho, estamos colaborando para o crescimento da sociedade. Mas não o vejo como um deus, como o principal. A vida tem dois lados com a mesma importância, o lado pessoal e o profissional.

Com a globalização, o que mudou nas relações de trabalho?

Flávia Regina – O profissional tem de estar mais qualificado. Há algum tempo, ser graduado era uma referência para colocação no mercado de trabalho. Hoje não é mais assim. É preciso um conhecimento muito maior do que apenas a graduação. Hoje o que ocorre na Inglaterra tem efeito aqui. Temos muita informação, mas não conseguimos absorver toda essa informação. Lembro que, quando eu era criança, consultávamos uma enciclopédia quando queríamos fazer uma pesquisa e durante anos consultávamos a mesma fonte. Hoje é muito diferente. O que se consulta agora já é diferente daqui há duas ou três horas.

E no ambiente de trabalho? O que mudou?

Flávia Regina – Na fase artesanal, as pessoas trabalhavam em casa, com a família, sem salário fixo, sem horário de trabalho. Com a revolução industrial o chefe da família foi trabalhar na indústria, com horário e salários fixos, longe da família. Agora temos o inverso: o que alguns autores chamam "o funcionário de pijama", que trabalha em casa. Ele não tem horário de trabalho, nem salário fixo. Há uma série de implicações positivas e negativas. Temos menos trânsito, menos poluição, ele pode fixar o horário que lhe agrada. Mas há as implicações negativas: ele para de ter contato com os colegas de trabalho, por exemplo.

Milton Heinen – Vivemos um processo denominado reestruturação produtiva, que traz vantagens, mas destrói algumas garantias mínimas do trabalhador. A globalização permite que o capital se instale onde é mais lucrativo. Por isso, temos grandes multinacionais na China, onde o salário é uma miséria, a matéria-prima farta e se produz e vende para o mundo inteiro. Assim, a tecnologia propicia cada vez menos gente trabalhando, com menos horas de trabalho, produzindo tudo de que a humanidade precisa. O desafio é: como esse modelo será capaz de distribuir essa riqueza que se produz e fazer com que todos tenham acesso a ela e espaço no mercado de trabalho. A globalização trouxe coisas boas, mas, na ânsia de ter mais lucros, o mercado é flexibilizado, desregulamentado. A empresa contrata prestadores de serviço para desvincular-se da relação de emprego, para não ter encargos. Mas essa nova realidade está trazendo suas consequências. Há pouco tempo você não ouvia falar de problemas mentais relacionados ao trabalho. A instabilidade do cotidiano do modelo globalizado destrói a autoestima e a capacidade física para o trabalho, prejudicando a dignidade humana. Estamos caminhando para um processo de precarização das condições de trabalho.

Ildeu Moreira – Essa globalização interessa ao capital. O trabalhador precisa trabalhar dia e noite. Há uma supervalorização do quantitativo. Hoje tudo é descartável, nada dura. Essa lógica chegou até ao trabalho acadêmico, pois a quantidade banalizou a qualidade.

O modo de produção capitalista se alimenta do desemprego, que gera a competitividade entre os trabalhadores. É por isso que há, especialmente no Brasil, a corrida pelo emprego público?

Flávia Regina – Os alunos dizem que vão fazer um concurso porque querem estabilidade. Pergunto a eles o que é estabilidade. Eles dizem, então: é a garantia de que não vou perder o emprego. Nas empresas você também tem essa garantia, mas eles acham que não. Se você for um empregado dedicado, você tem essa garantia e as empresas concorrentes querem fisgar esses funcionários. O problema é que a palavra estabilidade está mal colocada. Isso não é estabilidade, é preguiça, falta de vontade.

Milton Moreira – Eu costumo perguntar aos meus alunos sobre suas intenções e 90% querem seguir carreiras públicas. Ainda assim, não podemos generalizar. Concordo que no serviço público há um grande desvirtuamento. Teríamos de criar mecanismos de avaliação e acompanhamento. No setor privado, existe uma massa de gente desempregada e uma grande quantidade de empregos, sem mão-de-obra qualificada. Mas vamos também lembrar que quem não reclama tem emprego garantido. Se não fosse assim, não teríamos a síndrome do esgotamento, em que o medo de perder o emprego bate à porta todos os dias. E isso é consequência desse modelo, algumas pessoas são disputadas no mercado, mas outras não. Mais ainda: serão disputadas se abrirem mão de seus direitos. Se a pessoa abre mão dessa dignidade mínima, ela está contribuindo para a precarização do trabalho.

Ildeu Moreira – Atualmente não temos mais a empresa que tem o trabalhador para a vida toda. Hoje a empresa está procurando o funcionário excelente, mas se achar alguém que pode ficar excelente com metade do salário manda embora o profissional e não quer nem saber de sua ficha de serviços prestados desse profissional. A empresa tem de assumir um pouco a qualificação do funcionário, porque a escola não existe para qualificar para o trabalho, embora contribua para isso. O indivíduo leva quatro, cinco, seis anos para se qualificar e o mercado já mudou nesse período. A universidade dá formação humana, não apenas informação. O que está aumentando hoje não é o saber e o conhecimento, é a informação. E esta não precisa da escola.

Milton Moreira – Um estudo do Dieese mostrou há pouco tempo que os mais qualificados estão perdendo espaço para os menos qualificados, porque eles ganham menos nas empresas. Isso acontece nas faculdades de Goiânia. Chegam a falar que o professor não deve fazer doutorado, senão perderá o emprego. É melhor ter menos qualificação, pois assim seu emprego será garantido.

Ildeu Moreira – Eu acho que a estabilidade no serviço público precisa ser repensada. É preciso haver possibilidades concretas de demissão, porque isso é pensado do ponto de vista corporativo. Eu sou e sempre fui contra a estabilidade dos professores, porque tem muita gente que não trabalha, embora não se trate da maioria.

Flávia Regina – Na verdade, não defendendo os empresários. Mas, explicando as relações no ambiente de trabalho, vejamos: se um cargo requer ensino médio e o trabalhador que o ocupa está se qualificando e quer receber mais, ele tem de procurar um outro cargo que pague mais, porque, se eu preciso de alguém do ensino médio, eu vou demiti-lo e contratar alguém do ensino médio. Outra coisa é o plano de carreira, em que o funcionário vai crescendo. Agora, os bons funcionários, eles não são substituídos. Se a empresa o substitui, ele não é tão bom assim.

Confira outros trechos da discussão em www.jornalufgonline.ufg.br